



Métodos para investigação histórica

João Sicato Kandjo

Nelson Lopes

Recebido: 18-07-2022 Aprovado: 08-09-2022

Métodos para investigação histórica

Methods of investigation for historical

MSc. João Sicato Kandjo¹.

E-mail: (sicatokandjo10@gmail.com) (<https://orcid.org/0000-0002-1659-9674>)

Nelson Lopes²

E-mail:(nelsonlopes@gmail.com) (<https://orcid.org/0000-0002-5537-7054>).

RESUMO

Os métodos de investigação histórica contribuem para aprofundar o saber histórico, cuja importância revela-se na medida em que permite valorizar e tornar a História numa ciência, uma vez que para tal deve possuir os seus métodos de investigação, para além do objecto de estudo, conceitos e objectivos. Neste âmbito, a revisão bibliográfica, análise e comparação dos dados foram os métodos e técnicas usados.

Paravras-chave: Métodos, crítica e investigação histórica.

ABSTRACT

Methods of investigation contribute for historical deep knowledge as importance of view point that should valorize in history changing in science since it should have its methods as well as objectives of investigation. In this case, the literature review, analysis and data comparison were used as methods and techniques.

Keywords: Methods; criticism and historical investigation.

INTRODUÇÃO

Se não conheço alguma coisa investigá-la-ei (Pasteur citado por Alves, 2012). É desta forma que se pretende começar. A citação é justa, honesta e humilde. Se ninguém sabe tudo e ninguém pode saber tudo, é justo reconhecer que há muito para aprender, que há muito para se conhecer, para se saber e para explicar. A subtileza de Marc Bloch, em *Introdução à História*, fê-lo pensar a dificuldade de assumir o que *não se sabe*, algo que não se pode saber. Ele insiste que se deve fazer tudo para se saber, mas, se mesmo assim, depois de investigar, não se souber, então, até o mais sábio deve admitir honestamente que não sabe.

Portanto, qualquer investigador que pretenda crescer sabe que a máxima é: aprender a aprender, como se pode deduzir, segundo a citação anterior de Alves em, investigar e investigar sempre. Não se deve falar e escrever o que não se sabe, o que não se conhece, o que não se investigou. Por outras palavras, primeiro investigar; segundo, interpretar as informações recolhidas; terceiro, compreender; quarto, explicar e só no último momento falar e escrever.

¹ Licenciado em História e Didática. Professor de História da África de Angola no Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo, ISCED-Huambo. Mestrado em Ensino da História da África no ISCED-Huíla.

² Docente do Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

De acordo com a formulação de Morin, há sete saberes necessários que se ligam à permanente busca de cidadania, assente numa cultura de autonomia e responsabilidade. Isto só é possível quando a investigação navega no âmago do que aconteceu. E assim, haverá pontos fortes e importantes que conduzirão a aproximação dos testemunhos de várias naturezas congregadas.

A História, tal como outras ciências, dispõe de métodos próprios que permitem analisar os acontecimentos, factos e fenómenos históricos.

Morfaux e Lefranc (2005), em *Dicionário da Filosofia e das Ciências Humanas* consideram método, como palavra derivante do grego - *methodos*- para significar caminhar ou pesquisar. Por definição toma-se como um conjunto de procedimentos racionais para atingir um fim, quer seja o conhecimento da verdade, uma demonstração matemática, uma observação, uma experimentação científica, ou ainda o ensino de uma disciplina (2005, p. 397). Neste diapasão, denomina-se metodologia o conjunto sistemático e crítico dos diferentes métodos utilizados, de forma particular nas ciências humanas (idem, p. 398).

A partir deste diálogo fica claro que para qualquer tipo de investigação científica, como é o caso da investigação histórica, é necessário recorrer a alguns métodos para que se alcance o objectivo previsto, mas ao mesmo tempo servir de crítica, durante o cruzamento de diversos dados que são obtidos das fontes orais, escritas e materiais.

As ciências históricas têm como objecto a reconstituição e a interpretação do passado (Proença, 1992, p. 22), porque ninguém é capaz de voltar ao passado para mudar o que aconteceu. Contudo, é possível trazer novas interpretações em relação ao passado. Daí o trinómio: passado, presente e futuro.

É desta forma, que se procurou fazer uma breve abordagem de alguns métodos usados para a investigação da História, descritos abaixo:

- Crítico
- Hermenêutico;
- Heurístico;
- Tradição Oral ou História Oral;
- Historiográfico.

DESENVOLVIMENTO

Neste trabalho científico, foi possível destacar um método principal para se atingir os objectivos propostos. Desta forma, contou-se com a Pesquisa Bibliográfica, Alves (2012) diz que esta pesquisa é quando o investigador desenvolve o seu trabalho a partir de estudos já efectuados por outros estudiosos, por esta razão deve concentrar-se em obras de especialistas como António Carlos Gil (2008) em *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*.

Os materiais usados para o presente artigo são; o computador, canetas e cadernetas para fazer anotações. Após a recolha bibliográfica e pô-las no seu devido lugar foi possível analisar e cruzar as informações para se obter alguns resultados.



Método Crítico e a Crítica das Fontes Históricas.

É importante para quem deseja alcançar uma certeza na sua investigação, saber duvidar a tempo (Aristóteles, 384 a.C-322 a.C citado por Alves, 2012, p. 107).

A História é a vida vivida, onde todos se encontram como mortos, mas lembrados, através dos descendentes-familiares, amigos, conhecidos e pela etnia (Kandjo, 2019). Durante a construção da História, interpretam-se as deduções e inferências e constroem-se os relatos. Em seguida, analisam-se as fontes e fazem-se deduções e inferências (Freitas, 2002, p. 308).

Por definição, são fontes históricas todos os vestígios arqueológicos encontrados num determinado local e que os mesmos permitem retirar certa informação que sirvam de orientação do investigador em construir/reconstruir a vida das populações do mesmo espaço.

Regra geral, as fontes históricas dividem-se em três partes - orais, escritas e iconográficas (também conhecidas por materiais), como se apresenta abaixo:

- a) A transmissão de certas informações de um povo, de geração a geração é que são conhecidas como fontes orais.
- b) Os documentos (papiro, pergaminho, epígrafes, livros, artigos...) que retratam a vida de um determinado povo é o que se chama de fontes escritas.
- c) Ao se encontrar vestígios materiais (fotografias, armas, livros e outros objectos...) que permitam retirar uma certa informação de um povo, são designados por fontes materiais ou iconográficas.

Estas três alíneas (a, b e c) segundo a descrição de Mendes citado por Freitas *et al* (2010) podem ser consideradas de fontes primárias ou directas e fontes secundárias ou indirectas, definidas da seguinte forma:

a) Fontes Primárias ou Directas

São documentos originais ou testemunhos das testemunhas que vivenciaram o acontecimento, facto ou fenómeno histórico em causa. A título de exemplo, enquanto Kandjo escrevia em relação a revolta da baixa de Kasanji, Moisés Kamabaya (antes de 2020, altura em que ele faleceu) prestou informações relevantes da sua vivência durante aquela época e naquele lugar. O que faz dele uma fonte primária e oral.

b) Fontes Secundárias ou Indirectas

São relatos de pessoas que receberam o testemunho de quem participou no evento, acontecimento, facto ou fenómeno histórico. Por exemplo, os livros, relatórios, artigos e outros. Em relação à Guerra de Peloponeso, temos principalmente, testemunhos de Tucídides e de Heródoto. O primeiro participou directamente da guerra e o segundo preferiu observar com uma certa distância, mas ambos escreveram sobre a mesma. Pelo facto de não ser possível falar directamente com Tucídides e Heródoto, em 2021 e, que, geralmente outros autores interpretam os seus textos e estas fontes tornam-se secundárias e, por vezes, terciárias e indirectas.

Todas as fontes, orais, escritas, materiais, primárias ou directas e secundárias ou indirectas devem ser analisadas para se apurar a veracidade da informação. Neste caso, usa-se a crítica. Aliás, mesmo o historiador mais distraído deve saber que não se pode acreditar imediatamente naquilo que as testemunhas dizem, sem antes, primeiro ter o privilégio de duvidar.

A palavra Crítica (*Krisis do grego, kritikê, technê*) pode ser entendida como a arte de fazer um determinado julgamento, neste caso para a História, fazer julgamento ou questionar constantemente a fonte material, oral ou iconográfica que é apresentada por alguma testemunha. Desta forma, não é errado se se considerar que a crítica também é um método que permite o investigador (historiador) aproximar-se da verdade (Carvalho, 2009). Aproximar-se da verdade porque tanto quanto se sabe, em Ciências Sociais, não é fácil chegar à verdade.

Por exemplo, é possível alguém estar presente num determinado local do acontecimento, mas ao mesmo tempo faltar a verdade. O que põe a concorrer para a anulação da verdade pode ser em muitos casos a ideologia política da pessoa em causa, ou a religião, a «raça», o povo, o *status quo*, entre outros elementos. Por outro lado, pode se dar o caso que se tenha problema de um dos sentidos, por exemplo, dificuldades de ouvir; até pode estar bem de audição mas pode ter ouvido mal e, será esta péssima informação que teve acesso que ele mesmo sem querer vai tomar como verdade, quando é apenas a sua verdade.

Para a História todo testemunho (informação) é importante, mas também todo testemunho merece um ponto de interrogação (?). Como disse Bloch, não haverá durante a História uma testemunha que vai dizer toda verdade sobre todos acontecimentos, factos e fenómenos históricos.

Imaginemos, duas pessoas posicionadas de lados opostos e ao centro coloca-se a grafia que representa o algarismo seis (6) ou nove (9), para uma será visto como seis (6) e para a outra como nove (9). Supondo que as duas pessoas envolvidas estavam ou fizeram parte de um determinado acontecimento, quem estaria a dizer a verdade? Os dois estão a dizer a verdade.

Se tivermos quatro (4) grupos de público, posicionados a cada parte do quadrado e, dentre os presentes alguém for para o meio e levantar um livro. A percepção que se terá, em termos de visibilidade, é que cada grupo verá apenas uma parte. Quando se perguntar aos quatro (4) lados, perceber-se-á que cada participante poderá dizer somente a parte que foi vista. Frequentemente a percepção sobrepõe-se à compreensão, criando simulacros do real (Baudrillard, 1991).

Neste caso, a responsabilidade de se alcançar a verdade é da competência do investigador. Como a verdade é muito difícil, é importante que haja esforço para que se aproxime dela, recolhendo as informações de todos os envolvidos e mais, se necessário for recolher dados de todos aqueles que possam fornecer a informação que se precisa.

Estas afirmações são verificadas em Lakatos e Marconi citado por Carvalho (2009, p. 87) ao considerarem que :

- Quanto maior for a amostra, maior a força indutiva do argumento;
-



- Quanto mais representativa a amostra, maior a força indutiva do argumento.

Para a História, a Crítica é auxiliada por outros métodos: Hermenêutico e Heurístico, que abaixo são apresentados:

a) Método Hermenêutico

Como disseram os gregos, *hermeneutikós* é um método que serve para interpretar, permitindo a compreensão de uma certa informação, ligando ponto a ponto até se adquirir os dados necessários para se compreender um determinado texto. Portanto, podemos concluir como sendo a arte de interpretação textual (Carvalho, 2009, p. 87). Com efeito, deduz-se que, quem interpretou e compreendeu uma certa informação, consegue explicar-se. De facto, existe uma conexão muito forte entre o verbo interpretar, compreender e explicar (bem).

Ideia defendida também por Morfaux e Lefranc (2005, p. 100), compreender é, vulgarmente, a apreensão pelo espírito do conjunto de um fenómeno, de um raciocínio, de uma explicação, de um enunciado. Enquanto que explicar/explicação é desdobrar, desenrolar. Tornar tão distinto e claro quanto possível aquilo que aparecia primeiramente como obscuro e confuso. Uma explicação não é em si mesma uma prova.

Os autores citados afirmam que a explicação científica consiste muitas vezes em passar das noções comuns qualitativas (quente, frio, pesado, leve) para os conceitos científicos quantitativos (temperatura, densidade, peso medido). Explicar um fenómeno é ligá-lo a uma lei formulada matematicamente (Morfaux e Lefranc, 2005, p. 220).

Não é possível explicar bem, sem compreender bem, assim como não é possível compreender bem, sem ter interpretado bem. Estes três elementos fazem parte da hermenêutica.

Deste modo, a Hermenêutica pede para se ter paciência, enquanto se faz a ligação dos pontos, dos acontecimentos, de todo enredo, para que, através de um raciocínio lógico, principalmente racional, se possa aproximar da verdade desejada. Porque a leitura que este método obriga a fazer e que está no pano de fundo é tentar perceber no máximo os interesses de quem escreveu, de quem passou a informação. Será esta indagação que levará ao uso do outro método (Heurístico).

b) Método Heurístico

Do grego *heuriskein*, encontrar. Estabelece uma grande aproximação com a frase; *procurar até encontrar a verdade*, investigar, descobrir (Morfaux e Lefranc, 2009).

Ora, quem quiser encontrar a verdade, deve partir de algumas dúvidas, de alguns pontos de interrogação, não pode aceitar por aceitar. Na medida em que se duvida, procura-se a verdade. Foi esta compreensão que vários sábios tinham na época do Renascimento (a partir do século XV), como René Descartes ao ter escrito que: *a dúvida era o método adequado para a descoberta da verdade*; Francis Bacon: *se partires da certeza terminarás na dúvida, portanto parta da dúvida para alcançar a certeza*; Luís de Camões: *nem tudo que brilha é ouro*, por aí em diante. Marrou e Martins corroboram a ideia ao considerarem que, a verdade da História é uma verdade em partido duplo, feita daquilo que apreende do seu objecto e do que o esforço do historiador aí introduz de si mesmo (Marrou citado por Martins, 2001, p. 18) e aqui a arte representa a força criativa

do testemunho, que vai do conhecimento à procura da compreensão. Não há, pois, juízos definitivos, mas um diálogo constante entre o longo prazo e o curto prazo (Martins, 2001, p. 18).

A dúvida, que durante muito tempo guiou os investigadores, é que permitiu dar poder ao conhecimento científico e contribuir significativamente para o bem da humanidade, em caso concreto.

Por exemplo, quando durante a Idade Média algumas teorias defendiam o Geocentrismo, ideia segundo a qual a Terra está fixa e o Sol gira em sua volta, esta tese foi confrontada por Copérnico, e mais tarde por Galileu e Giordano Bruno, este último foi condenado e morto pela inquisição por negar a aceitar o Geocentrismo como justificativa para o movimento planetário, por terem trazido à humanidade um outro entendimento – Heliocentrismo - teoria segundo a qual o Sol era fixo, a Terra e os outros planetas giravam em volta do mesmo. É essa teoria que até ao século XXI toma-se como verdade. Por conseguinte, parece ser muito evidente que o questionamento, a “pulga na orelha”, tem um grande poder para a *descoberta da verdade*.

Neste contexto, convém lembrar-se de Pierre Nora, numa entrevista realizada, afirma Nora, *o que faz o acontecimento é precisamente a multiplicação das interrogações, das próprias inquietações*. Porque o acontecimento em si mesmo é apenas informação *em bruto*, que requer análises posteriores para dele se extrair um *significado*.

Quer dizer, quanto mais perguntas o investigador tiver, melhor. Quanto mais se questionar a testemunha, melhor. Quanto mais se cruzarem documentos escritos e orais, melhor. Por isso, a grande importância do método Heurístico na construção do conhecimento histórico; é para efectivamente permitir interrogar a testemunha (pessoa) e testemunho (a informação), quantas vezes forem necessárias.

A Heurística admite um questionamento externo do documento, ou da testemunha. Segundo Alexandre (2016), Quando se quer ler um livro, as primeiras perguntas são:

Quem escreveu a obra? Qual é a sua ideologia política? Qual é a sua doutrina religiosa? É conhecedor da informação que escreve ou é um aventureiro? (Alexandre, 2016).

Repare-se que ainda não se leu o livro, jornal, documentário, mas já é possível estabelecer uma hipótese. A hipótese de tentar adiantar o que o autor terá escrito. Se for um militar que participou da guerra, naturalmente que, ao escrever sobre um determinado acontecimento, como o da Guerra Civil em Angola (1975-2002), poderá favorecer o seu lado.

O objectivo das questões externas e iniciais é para que a investigação parta de uma hipótese que pode ser verdadeira, como também se pode concluir que esteja errada, pois, nem sempre quem pertence a um determinado partido, religião, grupo social, filosofia entre outros grupos de pressão social, ao escrever continua a defender o seu grupo. Por vezes, a abordagem é um pouco neutra, imparcial e inclusiva. Por essa razão, obriga-se a não ficar na capa do livro, tem de se ler para compreender a verdade exposta. Consequentemente, aparece a crítica interna que se relaciona com a Hermenêutica; o exame quase exegético (por analogia, dado que a exegese tem uma *vocação* mais religiosa) do documento e da sua coerência interna.



Métodos para investigação histórica

João Sicato Kandjo

Nelson Lopes

Recebido: 18-07-2022 Aprovado: 08-09-2022

Método da Tradição Oral ou História Oral

A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve-se fazer sem documentos escritos, se os não houver (FEBVRE, 1949 citado por Keita, 2009, p. 28). A Tradição Oral é uma fonte respeitável, embora, em geral, seja menos precisa (Person, 1962).

Não haja dúvidas quanto ao pensamento segundo o qual, a tradição oral é anterior à escrita da História. Antes mesmo de existir uma escrita sistematizada e legível, os humanos conservavam a sua herança cultural (costumes, instituições, crenças, lembranças, lendas, história e entre outros) comum a um grupo.

O objectivo da transmissão da História Oral é que os habitantes de uma determinada comunidade conheçam a sua própria História, a História dos seus ancestrais.

Portanto, *ipso facto est* que a informação oral recolhida (de preferência obtida a partir de múltiplos testemunhos) deve ser cruzada com a escrita para se chegar a uma conclusão mais apurada e credível, facilitando a escrita da História Local.

Método Historiográfico.

A história dirá um dia a sua palavra... a África escreverá a sua própria história (Lumumba citado por Ki-Zerbo, 2002).

A preocupação de registar o *modus vivendi* de um determinado povo, Estado ou nação existe desde os primórdios quando, de facto, ainda o ser humano começou por escrever nas grutas, simbolizando a pintura rupestre. Mais adiante, pela formação das primeiras sociedades e, em particular, das primeiras civilizações, nasceu a escrita Cuneiforme, em 4000 a. C na Suméria, entre o rio Tigre e Eufrates, bem como a Hieroglífica, em 3200 a. C no Egipto, ao redor do rio Nilo, sem esquecer as escritas surgidas na Índia e no Extremo Oriente.

Sacerdotes, escribas e sábios da época apresentavam interesses em registar os diversos acontecimentos. Tal preocupação transbordou para a época Clássica (com os gregos e romanos), Medieval, Moderna, Contemporânea e até aos nossos dias (para os que consideram o Pós-Modernismo). Como bem explicou o antropólogo social inglês Jack Goody no seu clássico *“A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade”* (1987), o escrito da informação foi uma tecnologia revolucionária de transformação das sociedades, permitindo a fixação da informação, a sua acumulação e transmissão e a sua crítica permanente, originando um processo dialéctico progressivo com enormes consequências epistemológicas para a Humanidade. Mas as fontes escritas, para aquilo que nos ocupa nesta reflexão, apesar das suas vantagens para o estudo do passado, colocam também outros desafios metodológicos para o historiador.

Sabemos que a África Austral (incluindo a actual Angola) permaneceu ágrafa durante muito tempo. Com a chegada de missionários para esta região, a História dos povos encontrados tornou-se um facto. Sendo verdade, o grande problema é que tal escrita obedeceu aos interesses da Métropole, num processo de reelaboração do passado e não de simples transcrição desse passado para o registo escrito. Outro ponto tem que ver com a falta de registo (livros, artigos científicos) de várias Ombalas da província do Huambo, por exemplo. Por esta razão, sugere-se a Historiografia, como método que vai

permitir registar os acontecimentos, factos e fenómenos históricos dos monumentos históricos, Ombalas e reinos localizados na província do Huambo.

O método Historiográfico, aqui sugerido, deverá ser actualizado isto é, actualizar a escrita do conhecimento histórico (Canaborra, 2008).

A Historiografia, enquanto documentos já escritos por outros historiadores, também permite que se façam comparações de determinadas informações históricas. Neste caso não se tratam já de fontes primárias, mas sim de releituras das leituras primordiais o que, por sua vez, coloca novos problemas quanto à autenticidade da informação, exigindo grande cautela crítica por parte do historiador.

De acordo com Silva *et all* (2011) e Kandjo (2019) na procura da verdade e da construção da história é muito importante que se responda algumas questões prévias, que devem ser desenvolvidas durante a pesquisa:

- 1- Por quê (procurar explicar de forma racional, cuja finalidade é compreender os diversos acontecimentos em volta do que se procura);
- 2- Como (de que forma as coisas aconteceram);
- 3- O quê (o que se pesquisa);
- 4- Quando (o tempo);
- 5- Onde (o espaço);
- 6- Quais (descrever as personagens que participaram no acontecimento, factos ou fenómenos históricos);
- 7- Para quê (explicar a finalidade, e, sobretudo, a pertinência do trabalho).

Uma vez respondidas estas questões, convém comparar os diversos povos estudados. Mediante a comparação, estabelecer-se-á as diferenças e semelhanças entre os povos (KANDJO, 2019) para formular-se a Nova Historiografia.

Considerações Finais e Resultados Obtidos

Para fechar este trabalho, sobre métodos de investigação histórica, alguns elementos são importantes para a compreensão do mesmo. Em primeira instância, deve-se compreender a relação dos principais tempos históricos (passado, presente e futuro), o seu objecto de estudo (a evolução das sociedades humanas ao longo dos diversos períodos: Pré-História, História Pré-Clássica, Clássica, Medieval, Moderna, Contemporânea) e, não menos importante, reconhecer o seu enquadramento enquanto disciplina humana e social.

O método histórico serve para trazer nova abordagem em relação aos diversos acontecimentos. Tal como se afirmou anteriormente, não é possível mudar o que aconteceu, mas é possível reinterpretar e trazer novo entendimento em relação ao que aconteceu. Nesta busca da verdade as fontes são cruciais (orais, escritas e materiais/iconográficas). As mesmas, segundo a abordagem no interior do texto, podem ser primárias ou directas e secundárias ou indirectas.

Finalmente, para se aproximar à verdade, depois de recolhidas as informações em documentos credíveis (fontes escritas) e pessoas idóneas (fontes orais) é necessário



Métodos para investigação histórica

João Sicato Kandjo

Nelson Lopes

Recebido: 18-07-2022 Aprovado: 08-09-2022

peneirar a informação. É justamente, aqui, os métodos (crítico, hermenêutico, heurístico, tradição oral e historiográfico) desempenham o seu papel principal para a reconstrução possível do passado.

Vale a pena reflectir que a historiografia é feita de narrativas, frequentemente subjectivas, em função das opções *ideológicas* dos narradores e das circunstâncias. Não sendo possível chegar à verdade factual vivida pelos coevos (ou às verdades dos múltiplos actores), o narrador depende sempre de processos metodológicos adequados para fazer a melhor *aproximação à verdade possível*. Em última instância, tal depende da honestidade científica do historiador, de uma opção *ética* de aproximação à verdade, consciente, porém, da intangibilidade da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, M. P. (2012). Metodologia Científica. Lisboa: Escolar Editora;
- Alexandre, J. (2016). História de Angola, alguns subsídios para o seu estudo. Luanda: Kilombelombe;
- Baudrillard, J. (1991). Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio D'Água;
- Bloch, M. (1965). Introdução à História. Lisboa: Escolar Editora;
- Canaborra, I. S. (2008). Teoria e Método da História I. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí;
- Carvalho, J. Eduardo. (2009). Metodologia do Trabalho Científico, Saber-Fazer da investigação para dissertações de teses, 2ª Edição, Lisboa: Escolar Editora;
- Freitas, M. L. V.; SOLÉ, G. S.; PEREIRA, S. (2010). Metodologia de História. Porto: Plural Editores;
- Goody, J. (1987). A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade. Lisboa: Ed. 70;
- Kandjo, J.S. (2019). Os Impérios do Ghana, Mali e Songhai. Luanda: DF Editora;
- Keita, B. N. (2009). História da África Negra. Luanda: Texto Editora;
- Ki-zerbo, J. (2002). História da África Negra. 3ª Edição. Lisboa: Publicações Europa-América;
- Martins, G. O. (2001). A paixão das ideias, História, conhecimento e compreensão. Lisboa: Colibri;
- Morfau, M. M. E Iefranc, J. (2005). Novo Dicionário da Filosofia e das Ciências Humanas. Lisboa: Instituto Piaget;
- Proença, M. C. (1992). Didáctica da História. Lisboa: Universidade Aberta;
- Silva, E. A.; Santos, F. L.; Denipoti, C. (2011). História e Técnicas de Pesquisa em História. Brasil: Ponta Grossa-Paraná.